

## ENSAIOS DE EDUCAÇÃO E COMPLEXIDADE

Todo o nosso ensino tende para o programa, ao passo que a vida exige estratégia e, se possível, serendipidade e arte.

(Edgar Morin. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*)

Ozaías Antonio Batista<sup>1</sup>

Resenha: PETRAGLIA, Izabel. *Pensamento complexo e educação*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

Diante de uma conjuntura que mostra indícios de continuação da negligência histórica com os problemas vividos na educação nacional, se torna urgente pensar estratégias que articulem os campos epistêmico e sociopolítico no traçar de metas, objetivos e caminhos que problematizem a realidade educacional a partir do local que ocupamos no mundo, objetivando construir outro cenário. Esses são alguns dos argumentos que dão vida e movimento aos ensaios que compõem o livro *Pensamento complexo e educação* (2013) escrito por Izabel Petraglia.

Antes de estabelecer a relação entre Complexidade e Educação, a autora tem o cuidado de introduzir o leitor nos pressupostos da epistemologia complexa. Para tanto, além de Edgar Morin, ela dialoga com Guimarães Rosa, Paulo Freire, Clarice Lispector, Michel Foucault, Zigmunt Bauman, dentre outros. Não que todos esses autores tenham vínculos metodológicos bem delineados com o pensamento complexo, parece mais que a pesquisadora está tentando fazer uso do significado latino da palavra *complexus*, ou seja, “o que é tecido junto”, para costurar, com o auxílio desses pensadores, um tecido de reflexões que auxiliem as pesquisas na área das Ciências da Educação, através dos fios entrelaçados na aproximação teórico-metodológica dos autores citados.

A fragmentação do pensamento iniciada no século XVII ocasionou a segregação entre a cultura científica e cultura das humanidades (MORIN, 2011), colocando em polos antitéticos

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, LEDOC/UFPI, Piauí, Brasil. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: ozaias\_antonio@hotmail.com

ciência moderna, filosofia, artes, mitologia e literatura. Essa fratura cultural foi se adensando no século XIX com a institucionalização das Universidades, local visto como eminente produtor de conhecimento na modernidade (MORIN, 2012). Instaurada tal realidade, as ideias fundamentadas no complexo defendem a religação desses saberes que antes dialogavam sem nenhum impeditivo disciplinar, almejando apontar caminhos que desviem do paradigma científico moderno em sua influência hegemônica na condução do homem e da cultura.

A interferência paradigmática da ciência moderna é sentida em todas as esferas do viver, e a educação não está isenta disso. Por isso, Petraglia (2013) coloca que as ideias do pensamento complexo trazem princípios filosóficos que ajudam na construção de propostas educacionais que instiguem projetos capazes de reformular nosso ideário civilizacional, dando outros contornos para uma realidade planetária que clama por socorro.

A lógica dicotômica e mecanicista comum à modernidade científica é deixada de lado quando se usufrui do paradigma epistemológico complexo, no qual vida e ideias, ética e ciência, sujeito e objeto, prosa e poesia, estão fenomenologicamente indissociáveis. É nesta esteira que Petraglia associa o campo da Educação com os traços teórico-metodológicos da Complexidade, propondo vias para escapar do tecnicismo exacerbado que inunda o fazer científico e educacional de uma forma geral.

Contudo, é importante salientarmos que o pensamento complexo opera na dimensão paradigmática, de modo que a Complexidade não pode ser vista como um conjunto de passos a serem aplicados diretamente na realidade objetiva, isto é, uma receita com ingredientes específicos, visando traçar rumos bem definidos para o futuro. Ao contrário, justamente por se tratar de um paradigma é que Petraglia aponta para algo que ainda está em fase de construção, assim como não sabemos onde ou quando vai chegar.

Daí a complexidade dialogar tranquilamente com os antagonismos, incertezas e ambivalências do mundo moderno. A modernidade trouxe consigo a noção de desenvolvimento atrelada ao avanço científico-tecnológico, o que em partes aconteceu, contudo essa evolução também produziu mortes, destruições e desigualdades – isso graças ao espaço que a ciência passou a ocupar nas relações cotidianas, bastando adjetivar determinado objeto como

cientificamente comprovado para que ele esteja apto ao consumo irrefletido. A ciência avançou tecnologicamente, mas não conseguiu fazer o homem feliz, como já apontavam Freud (1996) e Einstein (2011), sendo retomado transversalmente por Petraglia.

Sendo assim, a alteridade e a solidariedade são algumas das alternativas colocadas pela Complexidade afim de resistir aos tempos de barbárie. Esses valores estarão em evidência através de uma educação pautada em questionamentos éticos, que enxerguem a vida e a biodiversidade em toda sua completude, atribuindo significados maiores aos momentos de crise, porque é em situações críticas que podemos enxergar possibilidades de refazer os caminhos já traçados.

Uma das alternativas para construção desse ensino que valorize o sentimento altero-solidário é a democracia cognitiva, entendida como mecanismo utilizado na elaboração de um discurso polifônico, calcado no diálogo com diferentes ideias e atores sociais, estejam eles nas Universidades ou demais instituições informais, detendo um conhecimento científico ou saber tradicional. Entendendo esse saber tradicional não como senso comum, mas um conhecimento, a semelhança da ciência, que também foi elaborado por meio de pressupostos metodológicos específicos. Por exemplo: o saber do homem da mata, que destituído da linguagem técnica do biólogo, consegue distinguir espécies da fauna e flora com um léxico particular<sup>2</sup>.

Adotando uma política pedagógica fundamentada no pensamento complexo, a Escola deve valorizar a interlocução dos mais variados saberes em sua constituição educacional, entendendo que a fragmentação das culturas deixou os conhecimentos em estado de cegueira epistemológica. Com isso, os saberes enxergam apenas os fenômenos que fazem parte de seu campo disciplinar, deixando de fazer associações que ampliem o entendimento da realidade vivida em decorrência de estarem focados apenas em um ângulo de visão particular.

Colocado esse argumento, é importante frisar que a Complexidade não é contra a especialização, e sim a hiperespecialização. Especialistas sempre vão existir, é importante que existam. Entretanto, esses profissionais precisam estar dispostos ao exercício do diálogo aberto, colocando à mesa os conhecimentos que lhe são próprios para

---

2 Para a discussão acerca da relação entre o conhecimento científico e os saberes da tradição, consulte Almeida (2010).

formação de um quebra-cabeça que contemple a dimensão humana em sua integralidade: 100% natureza, 100% cultura.

Trazemos em nós traços do imperativo cultural, os quais aprendemos durante as etapas do nosso processo socializador. Todavia, articulado com as marcas da cultura, temos nossa dimensão biológica, responsável por amparar nosso organismo em suas funções bioquímicas. Somos cultura ou natureza? A Complexidade responde: cultura e natureza, inseparavelmente. Choramos, rimos, sentimos dor, amamos, esquecemos, odiamos, porque temos essa constituição biossocial, e para outro entendimento que fuja do paradigma científico moderno que antagoniza natureza e cultura, ambas não podem mais estar em polos opostos. Já é hora dos especialistas das ciências humanas e naturais saírem de seus gabinetes e ocuparem os espaços públicos em uma discussão livre.

O laço entre Educação e Complexidade prima pela revalorização do *homo complexus*, devolvendo-o suas ambivalências complementares: sábio-louco, prosaico-poético, empírico-imaginário, natural-cultural, cobrindo esse homem com elementos de sua condição *sapiens-demens* em um “abraço de complexidade.” (PETRAGLIA, 2013, p. 63).

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.
- EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- FREUD, Sigmund. “O mal-estar na civilização.” In: **O futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- MORIN, Edgar. **O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes**. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Submetido em 19 de Junho 2017

Aceito em 21 de Fevereiro 2020

Publicado em 6 de Março 2020

